

humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



S. FRANCISCO XAVIER E A POESIA HAGIOGRÁFICA NOVILATINA EM PORTUGAL

CARLOTA MIRANDA URBANO
(Universidade de Coimbra)

Abstract

On a festive occasion such as Xavier's jubilee, the A. aims at:

1. showing how Xavier embodied a type of holiness fully consistent with the ideals of Catholic Reformation;
2. interpreting the distinctive portrayal of Xavier in Jesuit poetry, namely Neolatin hagiography;
3. concluding that, in the eyes of a devoted, aesthetically sophisticated, XVIIth century public, an interpretation of an epic hero such as Francis Xavier is able to enhance both the aesthetic dimension of the hagiographic message, and its very apologetic, edifying effectiveness.

Key-words: St Francis Xavier, XVIIth century Society of Jesus, Neolatin epic poetry, hagiography, Catholic Reformation, Renaissance Humanism.

1. Em ano jubilar

Decorre neste ano de 2006 um ano jubilar para a Companhia de Jesus. Celebram-se 500 anos dos nascimentos de S. Francisco Xavier (7 de Abril de 1506) e do Beato Pedro Fabro (13 de Abril do mesmo ano), e ainda 450 anos sobre a morte de St.^o Inácio de Loiola (31 de Julho de 1556). Estas três figuras, mais que unidas pela coincidência das datas, estão vinculadas pela história das suas vidas que se cruzaram em Paris

para não mais se separarem, ainda que fisicamente afastadas em diferentes partes do globo.

Inácio de Loiola, Francisco Xavier e Pedro Fabro, os três grandes impulsionadores da espiritualidade da Companhia de Jesus nascente, são hoje, à distância de mais de quatro séculos, considerados como seus fundadores. Fabro e Xavier, dois grandes amigos que no Colégio de St.^a Bárbara partilhavam o alojamento, tornaram-se primeiro um, depois o outro, discípulos de Inácio, completamente entregues ao mesmo zelo apostólico. Foi Pedro Fabro, o primeiro a ser ordenado sacerdote, quem recebeu os votos dos primeiros companheiros em Montmartre a 15 de Agosto de 1534.

O líder da Companhia de Jesus, o seu genuíno fundador, foi St.^o Inácio que os companheiros elegeram para Geral no ano seguinte àquele em que a Companhia foi reconhecida pela Bula *Regimini militantis ecclesiae* de Paulo III em 1540. Nesta eleição que St.^o Inácio a custo aceitou,¹ os companheiros, que viam nele o seu guia natural, reconheciam em Pedro Fabro o seu discípulo mais próximo, aquele que mais tinha amadurecido e aprofundado os ideais inacianos. Mais discreta, a figura de Pedro Fabro não teria os dotes de liderança de Inácio nem o vigor missionário imparável de Xavier, mas tinha seguramente o mesmo fervor apostólico que pôs à prova sobretudo na Europa que aderira ao luteranismo, a ponto de ser considerado ‘o apóstolo de Colónia’. Quanto a S. Francisco Xavier, ele foi desde muito cedo apresentado lado a lado com o padre fundador da Companhia como santos a venerar pela Igreja.

Pedro Fabro morreu em 1546 em Roma e desde cedo começou a desenvolver-se o seu culto na sua terra natal (Saboya), culto que pouco a pouco se foi divulgando mas só viria a ser confirmado em 1872 quando o Papa Pio IX declarou Pedro Fabro Beato. S. Francisco Xavier e St.^o Inácio morreram com espaço de quatro anos. O primeiro em 1552 e o segundo em 1556. Beatificados, St.^o Inácio em 1609 e S. Francisco em 1619, viriam a ser canonizados no mesmo ano, em 1622. A devoção por estas figuras, porém, antecede, muito naturalmente, o seu reconhecimento oficial que para a época foi pouco demorado.

¹ Eleito por unanimidade em 8 de Abril de 1541, Inácio renunciou. Novamente eleito a 13 de Abril, retirou-se alguns dias e veio a aceitar o cargo no dia 19 desse mesmo mês.

2. Devoção, Hagiografia e novas tipologias

Em tempo de reformas como são os séc. XVI e XVII, quando o culto dos santos e o seu poder intercessor fora posto em causa por Lutero, quando a posição iconoclasta de Calvino acusa a devoção aos santos de idolatria, quando a própria canonização papal é vista pelos reformistas como abuso de poder, na Igreja dos países que permanecem unidos a Roma, assistimos a um duplo movimento.

Por um lado, assistimos a um aumento considerável da devoção espontânea por figuras contemporâneas que viriam a ser reconhecidas como intérpretes dos novos ideais de santidade ou mesmo consideradas importantes reformadores católicos—intérpretes da santidade da reforma católica. Foram eles, entre outros, St.^a Teresa de Ávila, St.^o Inácio de Loiola, S. Carlos Borromeu, S. Filipe de Neri e, claro, S. Francisco Xavier. As *Vidas* destas figuras e de muitas outras que ficaram menos conhecidas, os relatos dos seus milagres, das suas missões, dos seus martírios, tinham um público vasto e ávido de novidades. No que respeita às *Vidas* de Inácio de Loiola ou de S. Francisco Xavier podemos apontar para alguns exemplos de obras editadas antes da sua beatificação: P. Ribadeneira, (1580) *Vida del P. Ignacio de Loyola, fundador de la Religion de la Compañia de Jesus*, Madrid; (1594) *De Vita Francisci Xaverii*, Roma; J. Lucena (1600), *Historia da vida do Padre Francisco Xavier...* Lisboa.²

Por outro lado, enquanto entre os fiéis nasciam espontaneamente novas devoções, a hierarquia procurava disciplinar e tornar mais crítico e centralizado o controlo do culto dos santos (sobretudo se se tratava do nascimento de novos cultos). Foi neste espírito que o Papa Sisto V constituiu em 1588 a Congregação dos Ritos, confiando a um órgão permanente o acompanhamento das causas em todo o seu percurso, lançando os fundamentos para o seu aperfeiçoamento jurídico. Quando Urbano VIII levou a cabo a vasta reforma pela qual seria conhecido como fundador do actual direito processual para a causa dos santos, o terreno estava de algum modo preparado. Os seus decretos fundamentais nesta matéria datam de 1625. Neles, Urbano VIII proibia qualquer forma de culto público daqueles que tivessem morrido com fama de santidade mas não tivessem sido reconhecidos oficialmente como santos. Em 1631 proibia-se

² Para mais exemplos veja-se M. L. Fernandes, (2000) *A Biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), autor do Agiologio Lusitano*, Porto.

inclusive dar início a um processo de beatificação e canonização que não tivesse respeitado as normas anteriores. Poucos anos mais tarde, em 1634, na Constituição *Caelestis Ierusalem*, entre outras normas, estabelecia-se que não se podia proceder à beatificação antes de terem passado 50 anos sobre a morte do 'candidato'. Todos estes decretos foram reunidos e publicados no final do pontificado de Urbano VIII em 1642.³

A par desta crescente exigência na aprovação dos cultos, assistimos simultaneamente a um aproveitamento apologético⁴ da hagiografia, quer como resposta à polémica desencadeada por Lutero (a que nos referimos), quer tomando parte na generalidade das discussões doutrinárias e religiosas, servindo-se da figura exemplar do santo como estandarte da ortodoxia.

Em relação à polémica desencadeada por Lutero, o Concílio de Trento na sua última sessão em 1563⁵ vem negar a incompatibilidade entre o poder intercessor dos santos e o lugar central de Cristo como único redentor da humanidade, recusando implicitamente a concepção de '*cultus sanctorum*' de Melancton que reconhece aos santos apenas uma função exemplar desprovida de qualquer poder intercessor.⁶ Reforçando a função intercessora dos santos, o decreto tridentino não só confirma a legitimidade da sua veneração como atribui aos intercessores celestiais uma função exemplar recomendando a todos os fiéis a *imitatio sanctorum*. É sobretudo nesta dimensão que se desenvolve a função apologética da hagiografia.

³ Cfr. Urbano VIII, (1642) *Decreta in seruanda. Accedunt Instructiones & declarationes quas Em. et Rev. S. R. E Cardinales Praesulesque Romanae Curiae ad id muneris congregati ex eiusdem Summi Pontificis mandato condiderunt*. Roma.

⁴ Note-se, porém, que o aproveitamento apologético da hagiografia não vai impedir que despertem nos hagiógrafos do séc. XVI preocupações históricas e críticas, procurando conferir aos seus textos autoridade e abrindo caminho ao nascimento da hagiografia como ciência historiográfica no séc. XVII.

⁵ *De inuocatione, ueneratione et reliquiis sanctorum, et sacris imaginibus*, In *Concilii Tridentini actorum pars sexta complectens acta post sessionem sextam usque ad finem concilii (17 sett. 1562-4 dic. 1563)* von S. EHES, Freiburg, 1924, p.1098-1103. Obra citada em, P. Burshchel (1996), "*Imitatio Sanctorum* ovvero: quanto era moderno il cielo dei santi post-tridentino?", in P. Prodi, W. Reinhard (eds.) *Il Concilio di Trento e il moderno. Atti della XXXVIII settimana di studio (1995)*, Bologna, 309-333. Cfr. nota 1, p.309.

⁶ Cfr. P. Burshchel (1996), op. cit. p 313.

Os próprios modelos de santidade interpretam os novos ideais da reforma católica sancionados pelo Concílio de Trento. A figura de S. Carlos Borromeu (canonizado por Paulo V em 1610) é nesta medida emblemática, uma vez que constitui um verdadeiro *exemplum* do programa tridentino para a igreja católica: a ortodoxia doutrinal, o renovado empenho apostólico, o ideal de bispo zeloso, dedicado eficazmente à pastoral e ao ensino dos seus fiéis, etc...⁷

Num elenco razoável de canonizações póstridentinas que, por assim dizer, apresentam aos fiéis um novo modelo de santo — defensor implícito dos ideais de Trento — reveste-se de um valor especialmente simbólico a canonização conjunta de quatro grandes santos da reforma católica, no dia 12 de Março de 1622: St.^o Inácio de Loiola, S. Francisco Xavier, S. Filipe Neri e St.^a Teresa de Ávila.

A canonização de St.^o Inácio não sancionava apenas a fama de santidade deste homem. A sua figura extraordinária era considerada um auxílio providencial de Deus à sua Igreja não só no debate com a reforma protestante, mas também porque tinha estimulado nela um dinamismo de renovação espiritual sobretudo com os *Exercícios Espirituais* e com a fundação de obras apostólicas de carácter educativo de onde saía não só um clero renovado como novas gerações de intelectuais devotos e formados na ortodoxia. A sua canonização, portanto, reconhecia também a sua obra espiritual e educativa. Assim, a própria Companhia de Jesus via o seu trabalho valorizado na canonização do fundador.

A canonização de S. Francisco Xavier, por seu lado, também representa mais que a inscrição no Cânone dos santos de um novo nome. Ela sanciona e promove o modelo do evangelizador zeloso, como se de um novo S. Paulo se tratasse, enviado por Deus à sua Igreja no momento em que se abrem à sua missão mundos longínquos a Oriente e a Ocidente. Além disso a sua canonização é seguramente o reconhecimento do ingente e eficaz trabalho missionário da Companhia de Jesus no mundo não cristão e é a face visível da cedência progressiva de um ideal de cruzada armada em favor de um ideal pacífico de evangelização.

O protagonismo e o carácter exemplar de figuras como estes santos e o seu aproveitamento apologético, porém, antecediam largamente a

⁷ Sobre esta matéria veja-se M. Jurado, (1991) "Tipologia della santità, tempi moderni", in G. Gordini (ed.) *Santità e Agiografia. Atti dell'VIII Congresso di Terni*, Genova, 35-48.

canonização e precediam normalmente o processo canônico que nela se concluíam. Pouco depois da morte de figuras como estas que se destacavam pela sua piedade ou pelo seu trabalho apostólico, vinham à estampa as suas biografias, por vezes os relatos dos seus milagres, com intuídos edificantes e apologéticos e certamente também com a intenção de promover a causa da sua beatificação. Estes textos de natureza hagiográfica correspondiam às solicitações espirituais, doutrinárias e religiosas do seu tempo, mas também às expectativas estético-literárias do público a quem se dirigiam, por isso nos ajudam a compreender melhor a realidade filosófica, religiosa mas também literária e cultural, de cada tempo e lugar. Porém, para que o texto hagiográfico seja compreendido e nos revele estes significados, a sua análise tem que entrar na lógica fundamental destes textos (que partem sempre de uma experiência religiosa de fé) e na mundividência do autor e do público a que se destinam.⁸

3. St.º Inácio e S. Francisco na Hagiografia da Companhia de Jesus

Naturalmente, foi no ambiente dos colégios e das casas da Companhia que nasceram as primeiras *Vidas* destas figuras. Os padres Inácio de Loiola e Francisco Xavier, depressa constituíram motivo de composições em verso de mestres e discípulos dos colégios da Companhia, sobretudo quando se assinalava algum aniversário destas duas figuras tutelares que se apresentavam às novas gerações como *exemplum* edificante, capaz de estimular nos jovens estudantes o mesmo zelo apostólico e missionário. Muita dessa produção literária encontra-se reunida num conjunto de códices pertencentes ao Colégio de Coimbra da Companhia de Jesus, que se pensava ter cinco tomos, e de que até há pouco conhecíamos três (o primeiro, o segundo e o quinto). Hoje, porém, conhece-se mais um tomo, o sexto.

Recentemente, Sebastião Tavares de Pinho, que neste artigo homenageamos, deu a conhecer aos estudos do humanismo em Portugal o códice 1963 da Livraria dos Manuscritos ANTT que pertencia àquela

⁸ Vejam-se a este respeito as observações pertinentes de R., Grègoire, (1991) "Agiografia: tra storia, filosofia, teologia", in G. Gordini (ed.) *Santità e Agiografia. Atti dell'VIII Congresso di Terni*, Genova, 15-24.

colecção e cujo paradeiro se desconhecia.⁹ Neste volume, conforme a descrição que dele faz Sebastião Pinho,¹⁰ encontram-se dezasseis poemas em louvor de Francisco Xavier agrupados sob o título *Carmina edita in celebritate N[ostri] B[eati] P[atri] Francisci Xaverii peracta in hoc collegio Conim[bricensi]Societatis Iesu die 2^a mensis Decembris anno Domini 1601*.

Estas composições são, como vemos, anteriores à beatificação de Francisco Xavier, o que não nos pode surpreender muito. Com efeito, o clima de devoção que se gerava à volta de figuras como a do Padre Inácio, ou do Padre Francisco, ou de outros missionários de cuja vida e martírio nas missões chegava notícia até aos colégios, tornava natural que se celebrasse nas comunidades da Companhia o seu *dies natalis*, ou seja, o dia da sua morte. Com efeito, desde os primórdios da igreja primitiva a veneração das relíquias dos primeiros mártires surge associada à celebração do dia da sua morte, *natalis* porque dia do seu novo nascimento pelo martírio (como pelo baptismo) para a vida eterna. É este o caso da celebração que proporciona a composição destes *carmina* para a vigília de 3 de Dezembro (data da morte de Francisco Xavier), como nota Sebastião Tavares de Pinho no seu estudo (cfr. p 359).

Ainda que este título possa ser da responsabilidade do organizador do volume e, portanto, posterior à data da beatificação, as composições datam de 1601 e também elas se referem ao *Beato* Xavier. Na prática, portanto, havia um verdadeiro clima de devoção em torno destas figuras que depois era sancionado pela sua beatificação.

O número de composições dedicadas a Inácio de Loiola é muito superior, são cerca de oitenta, como informa o autor do estudo, e recordam episódios importantes da vida do fundador, momentos místicos, milagres, pensamentos seus, etc....

Também compostos antes da beatificação e canonização dos dois santos são os poemas do P. Manuel Pimenta († 1603) que a Companhia se encarrega de publicar postumamente, por coincidência (ou não) em 1622.

⁹ *Thesaurus rerum scholasticarum, quae a patribus, ac fratribus Collegii Conimbricensis scriptae sunt ab anno Domini*. 1631. Em letra mais pequena lê-se ainda Tomus 6^o.

¹⁰ S. T. Pinho, (2005) "Um códice latino da literatura jesuítica quase desconhecido: o Cód. 1963 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT", *Humanitas*, 57 351-382.

Trata-se de um volume que reúne a produção poética deste mestre jesuíta e que inclui vinte e sete epigramas em louvor de St.^o Inácio e três em louvor de S. Francisco.

Este tratamento da Companhia de Jesus em relação aos seus membros com aura de santidade antes de esta ser oficialmente reconhecida, mudaria profundamente com a reforma dos processos de beatificação levada a cabo por Urbano VIII, a que acima nos referimos. Depois desta reforma impõe-se naturalmente uma maior discrição nas manifestações de devoção por essas figuras, e, na redacção das suas *Vidas*, o menos possível de referências a factos prodigiosos que pudessem ser interpretados como milagres. De qualquer modo a Companhia continuou a fazer circular quer *ad intra* quer *ad externa*, *Relações* de martírios e *Vidas* de missionários ou de mestres cujo *exemplum* edificante podia constituir uma sugestão de beatificação.

4. O louvor de S. Francisco Xavier na poesia novilatina da Companhia de Jesus

O louvor dos santos da Companhia seria, como era natural, tema frequentemente glosado entre os seus mestres e St. Inácio de Loiola era, naturalmente, o mais celebrado na poesia dos colégios. No entanto, S. Francisco Xavier não ocupa um lugar menor. No ano anterior ao da sua canonização, em 1621, o P. Francisco Macedo da Companhia de Jesus, futuro Fr. Francisco de St. Agostinho de Macedo,¹¹ publica em Lisboa um poema épico em três cantos (1600 hexâmetros): o *De Apotheosi S. Francisci Xaverii libri tres*¹².

Este poema propõe-se celebrar algo absolutamente novo que ninguém cantou ainda: a beatificação de Xavier, a inscrição do seu nome no cânone dos santos. Escudando-se na novidade do tema o poeta invoca o auxílio dos anjos dos céu (as musas estão assombradas) e dos mártires,

¹¹ Para uma breve informação sobre a sua obra veja-se C. Miranda Urbano, (2003) "Introdução" in Fr. Francisco de St. Agostinho de Macedo, *Phillipica Portuguesa* (1645) ed. *facsimile*, Alcalá, Lisboa, 7-12.

¹² Poema que António dos Reis volta a publicar no *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, Lisboa, 1748, vol. VII, 22-77.

para que lhe prestem auxílio na difícil tarefa de cantar as festas da Beatificação de S. Francisco Xavier. Trata-se então de uma *epica descriptio* de um cortejo triunfal que tem Lisboa em festa, o cortejo apoteótico das festas da beatificação. Na cidade, na Urbe cabeça do império, como é designada, destacam-se a Casa de S. Roque e o Colégio de St. Antão, na celebração dos festejos. Esta longa descrição, interrompida por visões místicas (em consonância com o gosto da época) no entanto, é apenas o pretexto para a celebração de Francisco Xavier como vencedor contra as forças do mal, a Vã Superstição e a Idolatria do Japão. É sobretudo nesta dimensão que se desenvolve a celebração de S. Francisco Xavier, herói único deste poema.

4.1 Embora não tenha voltado a dar título a um poema épico desta extensão, tanto quanto sabemos, S. Francisco Xavier continuou a ter um lugar de destaque na poesia novilatina da Companhia.

É o que acontece, por exemplo, no poema épico de três cantos, o *Ignatiados*, da autoria de António Figueira Durão quando este era ainda um jovem estudante do Colégio da Companhia em Lisboa.¹³ Trata-se, como indica o título, de um poema celebrativo de St. Inácio de Loiola. Com efeito, é ele o herói deste poema construído à luz de Virgílio quer na criação de um ambiente épico virgiliano, quer na organização da matéria biográfica em função do modelo clássico da epopeia, quer na escolha das figuras e dos motivos literários do imaginário pagão que cruza com o imaginário cristão. Contudo, o que resulta deste exercício literário, mais que o louvor de St.^o Inácio, é um autêntico esboço de uma epopeia da Companhia de Jesus e isto acontece, em parte, pela exaltação da figura de S. Francisco Xavier que assume um papel de destaque no poema representando toda a dimensão missionária da Companhia enquanto em St.^o Inácio se louva a génese, a espiritualidade e o espírito da *militia Christi*, fundador da *Societas Iesu*.

Com efeito, já numa prolepse proporcionada por um sonho em que S. Pedro visita Inácio no final do canto I, quando este jaz no leito de con-

¹³ Sobre este poema, especialmente sobre as suas fontes literárias, veja-se C. Miranda Urbano (2005) "O *Ignatiados* de António Figueira Durão (1635)", in *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, vol. II, Braga, 225-246.

valescença, a revelação dos heróis futuros da linhagem que descenderá do herói aponta em primeiro lugar para Francisco Xavier:

*'O primeiro lugar nas armas da virtude
pertence ao egrégio Xavier.
Vê como há-de maravilhar o mundo inteiro,
A Índia, a Etiópia e as raças que a Musicania mãe alimenta.
Vê como se confia aos santos nos céus.'*¹⁴

O sonho, consagrado desde Homero como processo de instalação do maravilhoso, continua aqui a servir de ponte entre os planos divino e humano. Este passo em que S. Pedro visita o herói durante a noite transforma o motivo da visão mística de S. Pedro de que nos falam os biógrafos de St.^o Inácio, num episódio de tom clássico. Francisco Xavier é então o primeiro de um longo elenco de heróis que se sucedem. Os fundadores, em primeiro, os mestres mais célebres, os teólogos, os filósofos e os oradores de destaque, os missionários e os mártires, e finalmente aqueles cuja santidade fora recentemente reconhecida, como Luis Gonzaga e Stanislau Kostka (beatificados em 1621). Este último, um jovem membro da Companhia que morreu precocemente, é celebrado nas mesmas palavras que celebram o jovem Marcelo na *Eneida*, por ter sido do mesmo modo tão precocemente arrebatado ao mundo dos vivos. Nesta longa antevisão das futuras gerações da Companhia a Inácio no momento em que no seu espírito se vai desenhando a sua missão divina, Figueira Durão procura, naturalmente, prestigiar o seu texto evocando a revelação dos futuros heróis de Roma que Anquises faz a Eneias nos Infernos (*Eneida*, 6 679-702). Ela constitui, além disso, uma oportunidade para alargar os louvores do herói do poema a toda a Companhia de Jesus, nas pessoas dos seus membros de maior destaque.

No Canto II, depois de Inácio e os companheiros oferecerem os seus préstimos ao Sumo Pontífice, este envia a D. João III Simão Rodrigues e Francisco Xavier que logo parte para o Oriente. Tomada de dor e de raiva, Vénus vê agora nova ameaça em Xavier que *'rasga o mar profundo e por entre as ondas avança para as praias do tórrido oriente e para os reinos lon-*

¹⁴ Cfr. *Prima tenet loca uirtutis Xauerius armis / Egregius, uiden ut totum perterreat orbem, / Indum, ac Ethyopem, et quas Musicania gentes / Mater alit? uiden ut Superis confidat in astris.* 1, 307-310.

gínquos da China' (2 305-306). Então, a deusa que desde o início do poema procura travar os desígnios divinos que farão da linhagem de Inácio a destruição do seu filho, recorre como suplicante a Neptuno, que desencadeia uma tempestade para abater o barco em que viajava o herói Xavier. Favorecido por Deus, porém, Xavier acalma a tempestade ao tocar nas águas com o seu pé. A evocação deste prodígio que as biografias de Xavier referem como um dos seus milagres dá oportunidade ao motivo épico da tempestade em que o jovem poeta mostra a sua habilidade no domínio da *descriptio* clássica e do uso dos símiles. Até ao final do Canto II Francisco Xavier continuará a assumir um lugar de destaque no poema pois já na Índia, será chamado à presença do Rei Tongo que lhe pede informações sobre Inácio e sobre a Companhia de Jesus, proporcionando assim ao poeta a inclusão de uma analepse muito ao gosto da epopeia de cunho renascentista. Embora evoque junto do leitor os casos de Ulisses no Reino dos Feaces e Eneias em Cartago, é o exemplo de Vasco da Gama em Melinde que Figueira Durão segue mais de perto e mesmo parafraseia (Cfr. *Os Lusíadas*, 3, 8).¹⁵

É no canto III que S. Francisco Xavier assume um protagonismo claramente análogo ao de St. Inácio. Depois de um Concílio Divino que reúne Deus e os seus santos, Deus Pai, para combater '*a abominável prole de Lutero*' (3, 19) envia Palas Minerva, '*nascida da sua cabeça*' (3, 30)¹⁶, a Inácio e à sua Companhia, enviando-lhes por ela as virtudes a que se comprometem os companheiros nos tríplexes votos da profissão solene: a Pobreza, a Castidade e a Obediência (3, 26-34). Figueira Durão recorre a um lugar-comum da época usando Lutero como imagem de toda a heterodoxia que Inácio deverá combater com a sua Companhia, fundamentalmente através do estudo e da pregação. Por isso, é à deusa da sabedoria e dos estudos, a Minerva, que Deus Pai confiará a entrega da missão à Companhia de Jesus.

Como muitos se prestam a alistar-se na '*Sagrada Milícia*', Vénus faz nova e derradeira tentativa para combater a estirpe sua inimiga. Então, dirige-se aos infernos, junto às portas do Sono, onde mora Libitina (a deusa da Morte) a quem se queixa de Inácio e de Xavier pedindo para ambos a morte.

¹⁵ Sobre este passo veja-se C. Miranda Urbano (2005) op. cit. 238.

¹⁶ Como é sabido, Palas teria nascido da cabeça de Júpiter.

Neste momento, e desde o início deste canto III, a narrativa tem lugar no plano do maravilhoso, e nele continuará até ao fim. Livre das restrições do tempo e do espaço, o poema prossegue com a morte dos dois heróis e com a sua apoteose. Com efeito, Libitina cede prontamente ao pedido de Vénus e arrebatava Xavier e logo de seguida Inácio, recolhendo-se depois às profundezas do Érebo (recorde-se que S. Francisco morreu em 1552 e St.^o Inácio em 1556).

Inconsolável, Minerva chora a morte destes heróis. Então, Deus Pai chama-a à sua presença para a consolar e lhe dizer que pode levar Inácio para a mansão celestial. Imediatamente, Minerva arrebatava para os céus as almas de Inácio e de Xavier que assim passam a integrar o Concílio dos Santos e de seguida corre a S. Roque, a levar a notícia da canonização de Inácio. Os 'jesuítas'¹⁷ podem agora instituir dias festivos em honra do seu fundador. O poeta prolonga os versos finais descrevendo o cortejo que então se prepara em Lisboa: *Glória de Xavier e Triunfo de Inácio* (3, 246).¹⁸

Não podemos deixar de notar que a permissão para levar Inácio para a mansão celestial, se traduz na canonização, não só de Inácio mas também de Xavier e o cortejo que o poeta nos descreve celebra os dois santos que seguem no carro triunfal:

*Em carro magestoso, a Glória magnífica
Leva dos mortais os sofrimentos
Que jamais foram em vão.
Aqui seguem Xavier, a honra do Oriente,
E Inácio, o fundador, juntamente com os anjos.*¹⁹

As duas figuras (St.^o Inácio e S. Francisco) que encerram o cortejo, precedidas de várias alegorias e divindades marinhas, de célebres reis de Portugal (junto dos quais figura o herói Ulisses, fundador de Lisboa), e

¹⁷ *Jesuadae* Cfr.3, 221. Traduzimos assim porque o termo 'jesuítas', não documentado à altura entre nós, tinha então um valor depreciativo, uma vez que nasceu no contexto da polémica anti-jesuítica. Cfr. *Dictionnaire de la langue française*, Émile Littré, Paris : [s.n.], 1956-1958. - 7 vol.

¹⁸ *Xaverii pompa, Ignatique triumphus.*

¹⁹ Cfr. 3, 266-269. *Ingenti tandem curru pulcherrima fertur/ Gloria mortales numquam frustrata labores./ Xauier hic Orientis honos, pater Ignigus una/ Ibant immixti Superis (...).*

da própria alegoria da cidade, destacam-se no final do poema como se ambos tivessem partilhado inteiramente o protagonismo da narrativa, como se o poeta não pudesse celebrar o triunfo de Inácio sem celebrar do mesmo modo o de Xavier.

4.2 Este mesmo destaque merece a figura de S. Francisco Xavier num outro poema épico, o *Paciecidos*, celebrativo, não de St. Inácio de Loiola, mas de um mártir jesuíta, o P. Francisco Pacheco, provincial do Japão, que foi queimado vivo em Nagasaki em 1626 com oito companheiros. Embora se anuncie como louvor deste herói missionário e ele seja, com efeito, a figura que confere unidade à narrativa, o poema celebra mais que o heroísmo da missão e do martírio de Francisco Pacheco. Este poema de doze cantos pretende cantar os feitos da Companhia de Jesus quer nas missões do Oriente quer na defesa da ortodoxia na Europa através do estudo, da educação e da intervenção na polémica doutrinal no contexto das reformas.

Numa obra de carácter hagiográfico que podemos considerar a celebração épica da Companhia de Jesus, publicada no ano em que esta completa o seu primeiro centenário, é natural que ganhem relevo as figuras de St.^o Inácio de Loiola e de S. Francisco Xavier. É o que acontece, sobretudo com este último, para sempre associado ao Japão e às missões da Companhia no Oriente. São várias as referências a S. Francisco como ‘fundador’ da cristandade do Japão, embora na maior parte das vezes se associem ao seu nome os de outros missionários. Na perspectiva do mundo nipónico que se opõe ao herói, ou se quisermos, na perspectiva do pólo negativo da epopeia,²⁰ o herói Xavier surge como força indestrutível, primeiro responsável pela chegada do cristianismo ao Japão que se traduz na ruína dos deuses até então aí venerados.

Quando o Cubosama decreta a perseguição que força o exílio de Francisco Pacheco e determina ‘que uma guerra terrível seja declarada ao povo cristão’, ordena aos cristãos ‘que abandonem os rituais que outrora Xavier, chegando numa armada estrangeira, trouxe dos confins do mundo; que

²⁰ Neste, como de resto, no modelo clássico de epopeia, o mundo divide-se de forma bipolar. O pólo positivo que apoia o herói e cujos desígnios este cumpre realizando desse modo o seu heroísmo, e o pólo negativo que se opõe aos desígnios daquele e por isso tudo faz para evitar que eles se cumpram.

*retomem os seus cultos e de novo venerem os deuses antigos e as velhas leis dos seus antepassados.*²¹

Noutro passo, Xaqua, a divindade suprema do Japão, dirige-se ao Concílio das divindades nipónicas reunidas no monte Onjen, lançando invectivas contra os portugueses e contra os missionários que com eles chegaram às terras nipónicas. Xavier é o primeiro responsável pela ruína das divindades do Japão:

*“Ó Lusitania inimiga! ó reinos do Tejo, aos nossos contrários!
Feliz seria o Japão se jamais as velas lusas tivessem chegado à nossa costa!
O que queres de nós, Xavier, primeiro causador da nossa desgraça?
Ó indestrutível semente de Vilela²², herança de Gosme²³, quantos lustros,
quantos anos te apraz ainda perseguir-nos?
Que prazer tens, Valignano²⁴, em deitar a perder a nossa glória?
Em expulsar estes deuses da casa paterna
E introduzir nos templos um deus estrangeiro?”²⁵*

Estas são apenas duas das breves referências a S. Francisco Xavier, mas o poeta não deixará de criar as oportunidades para tecer os mais elevados louvores ao padroeiro das missões, prestigiando assim os méritos da Companhia de Jesus diante do leitor.

Um desses passos ocorre a pretexto da viagem de Francisco Pacheco para Macau, de onde seguiria para o Japão. A embarcação que leva o herói Pacheco é surpreendida pela visão aterradora e magestosa do pró-

²¹ Cfr. 1, 118-122. *(...) iubet indici bella horrida genti/ Christiadam: linquant ritus, quos aduena classe/ Extremo ueniens quondam Xauerius orbe/ Inuexit; sua sacra colant, iterumque priores/ Obseruent diuos, primaevaue iura parentum.*

²² O P. Gaspar Vilela, português, foi um dos primeiros missionários do Japão.

²³ O P. Gosme de Torres, castelhano, foi também um dos primeiros missionários do Japão.

²⁴ O P. Alexandre Valignano, de Itália, foi visitador da Índia e do Japão.

²⁵ Cfr. 3, 349-357. *‘Heu Lysia infensam! Et regnis contraria nostris/ Regna Tagi! Felix nimium Iapponia Lusil/ Si numquam nostrum tetigissent carbasa littus./ Quid tibi nobiscum est, nostri fax prima laboris/ Xaueri? Nosque, o numquam debile semen/ Villelae, Cosmique genus, tot lustra, tot annos/ Sic iuuat insectare? Iuuat deperdere honores/ Valignane meos? Atque hos e sese paternal/ Pellere, et externum templis superaddere numen?’*

prio rei dos mares, Neptuno, ao largo da Ilha Sanchoão. Do cimo de um rochedo, rodeado de Ninfas e Tritões adverte os marinheiros:

*“Disse-nos então: ‘De que parte do mundo sois enviados?
Que barbárie, que miserável canto na terra vos gerou?
não ouvistes ainda falar dos feitos ilustres do grande Xavier?
Viestes para aqui desconhecendo estes lugares da terra?
Recolhei as velas; estais na fértil costa de Sanchoão;
tendes à vossa frente a ilha que foi o último repouso de Xavier
e o seu primeiro sepulcro.*

*Movido por grandioso destino deixou a Europa,
visitou as praias do Ganges e os poderosos povos da Índia,
chegou às terras do Japão, e finalmente a esta ilha,
onde consagrou com os primeiros altares estes montes,
e os engrandeceu com as insígnias de Cristo.*

*Daqui se dirigia à China ilustre para visitar os reinos vizinhos dos Tartáridas,
os negros africanos, os Árabes e os de Saba, para ver o Nilo na sua nascente.
Iria depois aonde o sol se põe e à região gelada do Ártico,
bem comum a todos os povos; e se nada mais a terra oferecesse,
acusando-a de estreiteza, iria aos astros.*

*Ah! mas os próprios astros invejaram a demora de tão grande homem na terra;
e a Parca, lamentando-se, cortou o fio da vida a esta alma maior que o mundo;
A custo o inteiro Olimpo o teria recebido,
se as estrelas não se tivessem mudado*

*para lhe conceder naquele espaço já exíguo um digno lugar no céu.
Por isso, quantas vezes por sorte vos fôr dado
passar nestes mares agitados, detende-vos neste lugar,
e todos juntos, da popa do vosso navio saudai suplicantes Xavier,
senhor destas profundezas e desta terra,
e dirigi a estes rochedos os vossos votos.’*

*Nós, cheios de temor, do navio enviamos
nossas preces à terra e aos montes bem-aventurados,
invocamos com orações S. Francisco Xavier,
agradecemos ao rei dos mares as suas ordens
e os seus conselhos e pedimos clemência.’²⁶*

²⁶ Cfr. 9, 169-199. *‘Tunc ille: Et mundi qua uos regione profecti?! Aut quae barbaries, uos qui miser angulus orbe/ Progenuit? Non facta unquam, facta incllyta*

O poeta descreve ainda o cortejo que segue Neptuno na descida às profundezas do mar enquanto as Ninfas e os Tritões entoam hinos a Xavier ao som das cítaras de cristal que as ondas ecoam.

No contexto da narrativa este episódio fantástico serve, naturalmente, para embelezar o poema, aproximando-o do modelo da épica clássica, construindo um cenário mítico que vive do imaginário pagão e que não pode deixar de evocar ao leitor a alocação do gigante Adamastor ao Gama. S. Francisco Xavier, no plano da narrativa, é tratado como um herói mítico, divinizado, que assiste os marinheiros nas viagens e a quem estes devem venerar e fazer oferendas.

O último canto do *Paciecidos*, porém, reserva-nos um outro passo em que o protagonista é S. Francisco Xavier, desta vez na apoteose dos heróis do poema que depois do martírio na fogueira recebem de imediato a glória dos céus. Em contexto triunfal, em que predomina o imaginário cristão, os heróis sobem aos céus onde os aguardam as insígnias triunfais do martírio, as palmas e as coroas (insígnias pagãs da vitória de há muito completamente assimiladas pela iconografia cristã). A recebê-los, e porque de um triunfo da Companhia de Jesus se trata, estão St. Inácio, o fundador, e *'junto dele apresta-se Xavier com seus raios cintilando no Tejo, no Indo e em todo o Oriente, mostrando no claro peito um sol radiante, menor ainda que o brilho que ele próprio irradiava.'*

magni/ Xauerii audistis? terrae ignarique locorum/ An ne huc accestis? Compescite uela; tenetis/ Sansacni laetas oras; patet insula, magni/ Xauerii hospitium extremum, primumque sepulcrum./ Nam postquam Europam fatis ingentibus actus/ Deseruit, Gangisque oras, Indique potentes/ Inuisit populos, Iapponumque arua subiuit./ Hanc tenuit tandem, primis altaribus istos/ Sacrauit montes, Christique insignibus auxit./ Hinc claros peteret Sinas, uicinaque regna/ Tartaridum, nigrosque Afros, Arabasque, Sabaeosque/ Intraret, Nilumque suo sub fonte uideret;/Iret ad occasus solis, gelidasque per Arctos,/ Terrarum commune bonum; quod si nihil ultra,/ Terra, dares, angustam incusans, iret in astra./ Ipsa sed ah! terris tantum inuidere morantem/ Astra uirum; lacrymans hic tandem Parca recidit/ Maiores hoc mundo animos; uixque omnis Olympus/ Exciperet, ni se angusto iam limite, dignum/ concessura locum, stiparent lumina caelo./ Ergo procellosos quoties hos tangere fluctus/ Sorte datum, seruate locum, dominumque profundis/ Xauerium terraeque huius de puppe uocate/ Suppliciter cuncti, uotumque his soluite saxis./ Nos pauidi terram, montesque a puppe beatos/ Oramus precibus, Numenque in uota uocamus/ Xauerii, Regique maris sua iussa, suosque/ Gratamur monitus, atque omnia laeta precamur.'

Como acolhe heróis do Oriente, é ele próprio quem toma a palavra a recebê-los e os apresenta a St.^o Inácio:

*“E logo fala Xavier, em primeiro lugar:
‘Perdoai-me, se me permitis tomar a palavra,
mas sabeis que me foi confiado tudo o que diga respeito ao Japão.
Oh, que mortes contemplo eu!
Como resplandecem em fulgurantes labaredas estas fileiras!
Era isto mesmo que querieis para os vossos companheiros,
quando um dia junto ao altar
no sagrado monte dos mártires, (Monmarte²⁷)
jurastes os sagrados votos a Deus Altíssimo;
Não deixou de se cumprir o presságio.
A vossa Companhia é já uma montanha superior ao Olimpo;
De um lado e de outro, decoram-na
com suas ramagens as palmas do martírio,
suspensos nos troncos, brilham os dardos,
a nudez das espadas e as bárbaras catanas.
E ainda do cimo do monte que se ergue,
fontes de sangue correm como rios.
Submete-lhe, Pindo, as tuas correntes,
ceda o seu brilho cristalino à glória deste rubor.
Este monte inflama-se e vomita chamas;
no vosso ardor, companheiros, se incendeia.
Arde em tamanhas labaredas esta montanha de fogo
que, creio, jamais o Vesúvio terá exalado tanto,
ou o Etna terá arrancado das suas profundezas tantas chamas.
Desisti, filhos da terra, de juntar o monte Pélion com o de Ossa,
e o monte de Ossa com o Atlas,
e de por cima deste colocar o Olimpo.
Com este monte, somente, se chega ao céu;
este vos conduziu aos astros, companheiros,
e a ti, filho do Lima²⁸, a quem aprouve durante tantos anos*

²⁷ Os votos solenes que os primeiros ‘companheiros’ emitiram no dia 15 de Agosto de 1534, numa pequena igreja na colina designada Montmarte. O poeta aproveita o nome do lugar para jogar com sentidos e etimologias conforme o gosto maneirista.

*guardar e pela morte firmar a minha empresa,
por cuja mão, entre tantas lutas e martírios,
eu próprio o testemunho, permaneceu no meu Japão
a lei do Altíssimo e a fé de Jesus Cristo.
Vamos, espera-vos a glória, o justo momento da coroa;
não tardarei com mais palavras; entrai na vossa morada.'*²⁹

Este discurso de S. Francisco Xavier é apenas o epílogo de um longo cortejo em que os heróis do poema em apoteose sobem aos céus, precedidos de uma multidão de anjos e de um exército de virtudes que trazem os 'vencidos' — uma corte de vícios aprisionados, a Vã Superstição e a Idolatria. Trata-se afinal, de um cortejo que à imagem do triunfo militar, representa a vitória dos mártires heróis sobre os seus próprios limites, em última instância, a vitória do Deus verdadeiro sobre os ídolos ou os falsos deuses.

É neste contexto triunfal que S. Francisco é representado no poema celebrativo do martírio de Francisco Pacheco e dos seus companheiros mártires. Francisco Xavier é um herói divinizado que já triunfou, que protege e pode prestar auxílio aos que ainda peregrinam na terra (como é apresentado pela figura mítica de Neptuno) e que os acolhe depois do seu próprio triunfo no agôn final da morte. Além disso, com as suas pala-

²⁸ Francisco Pacheco é natural de Ponte de Lima.

²⁹ Cfr. 12, 269-295. *'Nec mora, cum primum: Fandi, Xauerius inquit,/ Da ueniam, Loiola parens, namque omnia nosti/ Iapponum mihi sorte dari. Proh qualia cerno/ Funera! Quam nitidis resplendent agmina flammis!/ Hoc, Pater, illud erat, Sociis cum primus ad aras/ Monteque Martyribus sacro, pia uota Tonanti/ Soluisti; non omen abest; iam maior Olympo/ Mons tua Religio est; quem frondibus undique late/ Martyrii decorant palmae, pendentia truncis/ Tela nitent, nudique enses, diraeque catannae./ Quin etiam elato montis de uertice fontes/ Sanguinei, riuique fluunt. Submitte liquores,/ Pinde, tuos, cedatque rubro christallus honori./ Igniuomus flammatur apex; uestroque, sodales,/ Igne flagrat, tantisque rogis mons igneus ardet,/ Flammarum ut numquam tantum eructasse Veseuum/ Crediderim, subdatque suos Aethna alta caminos./ Cedite Terrigenae, conuoluere Pelion Ossae/ Atque Ossae Atlantem, Atlantique imponere Olympum./ Hoc uno ad caelum graditur monte; iste sub astra/ Vox duxit comites, et te, Limiae, tot annos/ Queis placuit seruare meos, et morte labores/ Obsignare, manu quorum, tot praelia et inter/ Tot caedes, manisse meo Iappone Tonantis/ Imperium, Christique fidem superesse fatebor./ Ergo agite; uos digna manent, iustumque coronae/ Tempus adest. Non dicta moror; concedite tectis.'*

vras o herói Xavier contribui para a celebração épica da Companhia de Jesus e para a revelação do significado mais profundo dos martírios que o poema celebra. A Companhia continua a mostrar os seus frutos nos missionários que mantêm a fé cristã no Japão e por ela aí dão a vida no martírio.

5. Concluindo: Esta imagem do Santo como herói divinizado é também a que encontramos no poema *Ignatiados* de Figueira Durão, e no *De Apotheosi...* do P. Francisco Macedo.

Quando a poesia hagiográfica da Companhia celebra S. Francisco Xavier, é normalmente em verso épico, em contexto de apoteose e de triunfo, um pouco à imagem dos cortejos e procissões triunfais dominados por uma estética barroca que as cidades ou as ordens religiosas organizavam para festejar a canonização de um santo a elas especialmente ligado.

Sabemos que a beatificação e a canonização de S. Francisco Xavier proporcionaram várias festas cujas *Relações* foram impressas, como que num prolongamento dos festejos. Damos apenas alguns exemplos:

- Relaçam das festas que a religiam da Companhia de Jesu fez em a cidade de Lisboa, na beatificaçam do beato P. Francisco de Xavier... / recolhidas pelo Padre Diogo Marques Salgueiro, Lisboa, 1620.
- Triunfo com que o Collegio de S. Antam da Companhia de Jesu da cidade de Lisboa, celebrou a beatificação do Santo Padre Francisco Xauier... Celebrouse este Triunfo sesta feira 4. do mez de Dezembro de 1620. Lisboa, por João Rodriguez [depois de 1620]
- *Relaçam geral das festas que fez a religião da Companhia de Jesus na Prouincia de Portugal, na canonização dos gloriosos Sancto Ignacio de Loyola... & S. Francisco Xavier... no ano de 1622*, Lisboa, 1632.
- Relação das festas que a Residencia de Amgolla fez na beatificação do beato padre Francisco de Xauier da Companhia de Jesus / transc. e anot. Adriano Parreira, Lisboa, Inst. da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

O poema do P. Macedo é muito provavelmente uma descrição épica dessas celebrações que ultrapassa a simples *Relação*, na medida em que as

‘visões místicas’ do poeta lhe permitem evadir-se da fidelidade à realidade histórica dos festejos a que eventualmente se quer referir. Se não pretende fazer uma alusão a qualquer celebração que de facto tenha ocorrido (o que só poderíamos comprovar mediante uma leitura destas *Relações* que por agora não nos foi possível) o poeta certamente se inspira nelas e no imaginário barroco que as caracteriza, um imaginário marcado pelo cruzamento e pelo convívio entre imaginários cristão e clássico (anjos, arcanjos e divindades míticas caminham lado a lado e ao mesmo tempo celebram o ‘panteão’ cristão).

Estas celebrações espectaculares que acompanhavam as canonizações seiscentistas eram como que um reflexo do triunfo celestial do santo na terra, um eco da sua apoteose cujo significado último era a vitória da ortodoxia sobre a idolatria e sobre a heresia.

Nos poemas épicos a que nos referimos (o *Ignatiados* e o *Paciecidos*) e em que S. Francisco não protagoniza mas assume uma dimensão ou fundadora ou tutelar, é também este contexto apoteótico e triunfal que o envolve, uma vez que se trata já de um santo ‘reconhecido’ ou, no plano da narrativa, um herói já divinizado.

Revestida da solenidade do ornato mitológico a figura de S. Francisco Xavier, diante do público do seu tempo, aparece enriquecida pela mais-valia estética da tradição clássica a cujos modelos se reporta. Longe de chocar o leitor do seu tempo, estes textos de carácter hagiográfico que apresentam uma formulação épica e heróica da santidade, conferem prestígio à figura do santo através da expressão literária cuidada conforme as exigências do humanismo renascentista.

Comum a estes exemplos de poesia épica novilatina de carácter hagiográfico a que nos referimos (como de igual modo é comum à prosa das *Vidas*) é o objectivo primeiro da celebração e louvor do santo intimamente associados à edificação do leitor quer pelo *exemplum* que ele constitui, quer na medida em que proporciona a apologia da ortodoxia. Certamente no espírito do poeta a mensagem hagiográfica interpretada nesta versão de cunho renascentista, enriquecida pela dignidade e beleza formais, ganha eficácia junto de um público com exigências literárias, que vê assim cumpridas as suas expectativas. Tal eficácia resulta então do facto de o poeta unir às funções de *mouere* e *docere* a função de *delectare* o leitor.

Esta visão de Francisco Xavier como herói, novo apóstolo *ad gentes*, para além de reveladora da autoconsciência da Companhia, convicta do

carácter universal da sua missão, documenta o prestígio do humanismo clássico nos meios da nova Ordem religiosa e vem confirmar que, também entre nós, a literatura hagiográfica não ficou à margem do geral movimento de renovação literária que caracterizou esse mesmo humanismo.

BIBLIOGRAFIA

BURSCHEL, Peter, (1996) “*Imitatio Sanctorum* ovvero: quanto era moderno il cielo dei santi post-tridentino?”, *Il Concilio di Trento e il moderno. Atti della XXXVIII settimana di studio* (1995), Paolo PRODI, Wolfgang REINHARD, ed. Bologna, 309-333.

Dictionnaire de la langue française, Émile Littré, Paris : [s.n.], 1956-1958. - 7 vol.

DURÃO, António Figueira, (1635) *Opera Omnia*, Lisboa.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia, (2000) *A Biblioteca de Jorge Cardoso (†1669), autor do Agiologio Lusitano*, Porto.

GRÉGOIRE, R., (1991) “Agiografia: tra storia, filosofia, teologia”, in G. Gordini (ed.) *Santità e Agiografia. Atti dell’VIII Congresso di Terni*, Genova, 15-24.

GRÉGOIRE, Réginald, (1996) *Manuale di Agiologia, Introduzione alla Letteratura Agiografica*, Fabriano.

JURADO, Manuel Ruiz, (1991) “Tipologia della santità, tempi moderni”, *Santità e Agiografia. Atti dell’VIII Congresso di Terni*, GORDINI, G.D. ed., Marieti, Genova, 35-48.

MIRANDA URBANO, Carlota, (2003) “Introdução” in Fr. Francisco de St. Agostinho de Macedo, *Phillipica Portuguesa* (1645) ed. *facsimile*, Alcalá, Lisboa, 7-12.

MIRANDA URBANO, Carlota, (2005) “O *Ignatiados* de António Figueira Durão (1635)”, in *Gramática e Humanismo. Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*, vol. II, Braga, 225-246.

PEREIRA, Bartolomeu, (1640) *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ: Expensis Emmanuelis de Carvalho.

PIMENTA, Emmanuel, (1622) *Poematum Liber I*, Coimbra.

PINHO, S. T. (2005) "Um códice latino da literatura jesuítica quase desconhecido: o Cód. 1963 da Livraria dos Manuscritos dos ANTT", *Humanitas*, 57 351-382.

REIS, António, *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*, Lisboa, 1748, vol. VII, 22-77.